

tou e meu irmão escutou: “Meu Deus, onde é que eu vou achar um médico virologista?”. Ai meu irmão falou de mim. Eu estava morando nos Estados Unidos e não tinha intenção de voltar. Havia uma pressão do grupo que coordenava a rede de virologia para se contratasse um virologista o mais rápido possível para poder tocar o projeto. Eles me contactaram e pediram meu currículo. Houve, então, o convite para eu vir pra cá, isso em 2003. Naquela época, minha esposa estava grávida da minha primeira filha, e eu tinha um monte de coisas para terminar nos EUA. Nós concordamos em vir para cá em julho de 2004. Foi quando eu cheguei aqui, assumindo o laboratório, que era da rede da diversidade genética de vírus.

V&A - Como deu-se seu interesse pela área de virologia?

Nogueira - Na faculdade, eu sempre tive interesse em seguir uma carreira acadêmica, e uma das áreas que mais me interessavam era a de doenças infecciosas. A UFMG, na época, era muito forte, e é até hoje, em parasitologia. E eu não me interessava, especialmente na faculdade de Medicina, por parasitas. Durante o meu internato, já no final do curso, no auge da aids, comecei a acompanhar algumas doenças causadas por herpes em pacientes com HIV, e entrei em contato, na época, com o pessoal da virologia da UFMG, para discutir alguns casos, fazer alguns diagnósticos. Daí surgiu o convite deles para que, quando eu me formasse, me juntasse ao grupo da virologia. E foi o que aconteceu.

V&A - Na Famerp, o senhor conduz importantes pesquisas em torno de doenças como dengue e zika. Por que não continuou pesquisando doenças relacionadas ao HIV?

Nogueira - Toda a minha formação em Belo Horizonte e nos Estados Unidos foi trabalhando com vírus causador de herpes. Quando eu resolvi vir pra cá, um grande amigo, professora da USP de Ribeirão Preto, o doutor Luiz Tadeu Figueiredo, virou pra mim e falou: ‘Maurício, não. Você tem que trabalhar com dengue lá. Porque dengue é um problema muito sério de saúde pública nessa região, e é isso que a gente tem que trabalhar.’ Então, quando eu vim pra cá, nós começamos a trabalhar com dengue. Nós co-



Nós estamos aqui anos e anos trabalhando numa vacina, gastando milhões de dólares, aí eu abro a internet e vejo alguém dizer que vacina faz mal para a saúde. Para isso, tolerância zero.

meçamos uma série de estudos, primeiro para entender quais eram os vírus que circulavam no município - os tipos de vírus, as características desses vírus e os aspectos epidemiológicos deles. Com o tempo, veio aparecendo o zika, o chikungunya, e isso gerou uma série de outros trabalhos nesses 15 anos em que estou aqui. Acho que o ponto culminante desse trabalho foi o que aconteceu nos últimos dois, três anos, que é um estudo da vacina de dengue e outro da população da Vila Toninho - como a dengue afetou essa população e como o zika está afetando essa população. Conhecimentos gerados aqui, em São José do Rio Preto, especialmente na Vila Toninho, hoje são referências mundiais sobre o impacto da zika.

V&A - E sobre a vacina da dengue, qual a próxima etapa desse estudo?

Nogueira - Sobre a vacina da dengue, o que nós precisamos agora é ter realmente uma avaliação da eficácia dela. A gente sabe que teoricamente ela é boa, foi testada em pequena escala e funcionou bem. Ela já se mostrou segura em larga escala. Já são mais de 15 mil pessoas vacinadas no Brasil. Mas o ponto chave é a eficácia. E, para você ter uma eficácia, saber a eficácia de uma vacina, você tem que ter tido casos de dengue na população, o que nós não tivemos nos últimos dois anos, não só em Rio Preto, mas no Brasil inteiro. Então, agora, com os aumentos dos casos de dengue não só aqui em Rio Preto, mas em outras regiões do País, talvez para o final do ano a gente tenha uma boa ideia da eficácia dessa vacina.

V&A - No cenário mundial, o senhor acha que o Brasil tem relevância em pesquisas científicas?

Nogueira - O Brasil é uma liderança mundial na área de doenças infecciosas, mas essa liderança oscila. Ela oscila conforme o financiamento. Eu gosto muito de comparar a situação da febre amarela, que nós tivemos dois anos atrás, com a zika. Quando a gente teve a epidemia de zika, rapidamente os cientistas brasileiros deram resposta. Por quê? Na época, nós tínhamos dinheiro e pessoal. Logo depois da zika, a crise financeira foi absurda: os laboratórios ficaram sem dinheiro e a maioria dos laboratórios, sem pessoal. Quando veio a febre amarela, agora, dois anos